



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ÍTALO DA SILVA LIMA

**A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO EM PAULO FREIRE, BELL
HOOKS**

JUAZEIRO DO NORTE

2024

ÍTALO DA SILVA LIMA

**A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO EM PAULO FREIRE, BELL
HOOKS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Cariri como Requisito Parcial à Obtenção
de Título de Licenciado em Filosofia

Orientadora: Prof.(a) Dra. Camila do
Espírito Santo Prado de Oliveira

JUAZEIRO DO NORTE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

L732e Lima, Ítalo da Silva.

A educação como forma de transgressão em Paulo Freire, Bell Hooks/ Ítalo da Silva Lima. – 2024.

33 f. (Inclui bibliografia, p. 33).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Cariri, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Curso de Licenciatura em Filosofia, Juazeiro do Norte, 2024.

Orientadora: Prof.^a Dra. Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira.

1. Paulo Freire. 2. Bell Hooks. 3. Educação libertadora. 4. Opressão. 5. Filosofia da Educação. I. Oliveira, Camila do Espírito Santo Prado de - orientadora. II. Título. III. Freire, Paulo Reglus Neves (1921-1997).

CDD 370.1

DEDICATÓRIA

DEDICO ESSE TRABALHO, EM MEMÓRIA SAUDOSA, À PESSOA DE MINHA AVÓ, FRANCISCA FERREIRA DA SILVA, POR TER SIDO UMA MULHER DE FORÇA PRA MIM, COMO TAMBÉM PARA TODAS AS PESSOAS QUE CONVIVERAM COM ELA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, Antonia e José Carlos, pela dedicação de tempo, carinho, compreensão e aceitação de mim e de minhas decisões de vida. Agradeço, aos meus avós, em especial aos maternos, Francisca e Antonio pelo tempo de finitude a qual eu estive presente na vida deles, pela boa lembrança de minha juventude junto a eles.

Sinto gratidão por todos colegas de graduação que encontrei durante meu percurso, por meus amigos que fiz e estão comigo. (“Amizade dada é amor” Guimarães Rosa)

Me alegra muito, a presença do meu companheiro Mateus Emanuel, que esteve comigo durante todo o processo de graduação e na escrita, por todo apoio, companheirismo e carinho.

Agradeço às minhas orientadoras, por todo carinho, cuidado e respeito que sempre lançaram a mim, desde do início de minha graduação nas pessoas de: Prof^a, Dr^a: Camila Prado de Oliveira e Prof^a, Dra^a: Regiane Lorenzetti Collares.

Em especial quero agradecer à pessoa da Camila Prado, que esteve ao meu lado durante todo o percurso da elaboração e escrita deste trabalho de conclusão de curso, e por ter sido uma inspiração para mim desde do início e por continuar sendo alvo de inspiração de vida intelectual.

Meus agradecimentos aos professores da graduação em filosofia, que nos prestigiaram com suas presenças em sala, pela fala, pelo corpo presente em cena.

Agradeço à banca examinadora deste trabalho que foi escolhida antes mesmo de eu ter pensado em finalizar este trabalho, agradeço pelo imenso privilégio de atravessar no caminho dos mestres.

Em especial, desejo que meus parentes e familiares possam ter acesso à graduação e aos estudos, assim como tive, e continuo tendo. Desejo que meus irmãos se encontrem na curiosidade de saber mais, em querer serem mais, apesar de já serem muito, mas no sentido de poderem buscar conhecimento, que pode ser libertador.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a educação como prática de transgressão a partir das construções teóricas de Paulo Freire e bell hooks, destacando seu papel na transformação social e na emancipação dos sujeitos. Parte-se da compreensão de que a educação, quando fundamentada em princípios críticos, dialógicos e inconclusivos, ultrapassa a função tradicional de transmissão de conhecimento, tornando-se um instrumento de resistência às estruturas de opressão. A pesquisa discute o conceito de educação libertadora em Paulo Freire, enfatizando a conscientização (consciência crítica) e o diálogo como caminhos para a autonomia dos indivíduos. Em paralelo, aborda a perspectiva de bell hooks sobre a educação como prática da liberdade, que integra questões de gênero, raça e classe, propondo um ensino engajado e afetivo. Por meio da revisão bibliográfica, o estudo evidencia que ambos os autores defendem uma pedagogia comprometida com a justiça social, na qual o espaço educativo se configura como ambiente de questionamento, ruptura e construção coletiva do saber. Conclui-se que a educação é entendida como prática transgressora, é fundamental para a formação de sujeitos críticos, capazes de intervir na realidade e promover mudanças significativas na sociedade.

Palavras Chaves: Educação, Paulo Freire, bell hooks; Pedagogia crítica.

ABSTRACT

This study aims to analyze education as a form of transgression based on the pedagogical perspectives of Paulo Freire and bell hooks. Both authors conceive education as a political and emancipatory practice capable of challenging oppressive structures and promoting critical consciousness. The research adopts a qualitative and bibliographic approach, examining central works by the authors to understand how teaching can become an act of resistance and transformation. Freire emphasizes dialogical education and the development of critical awareness (conscientization), while hooks highlights engaged pedagogy, focusing on the intersection of race, gender, and class in the educational process. The results indicate that education, when grounded in dialogue, autonomy, and critical reflection, can subvert traditional hierarchies and empower marginalized subjects. Thus, teaching is understood not merely as the transmission of knowledge, but as a transformative practice that fosters social justice and collective liberation.

Keywords: Education; Transgression; Paulo Freire; bell hooks; Critical Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 O QUE É OPRESSÃO E A RELAÇÃO OPRESSOR E OPRIMIDO, SEGUNDO FREIRE.....	12
2 COMO SE SUSTENTA A OPRESSÃO? ALGUNS ASPECTOS: SEXUALIDADE, TRABALHO E SAÚDE.....	15
2.1. OPRESSÃO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BANCÁRIA: UMA REFLEXÃO COM LADY GAGA.....	15
2.2 EDUCAÇÃO E TRABALHO: OPRESSÃO E LIBERDADE.....	19
2.3 EDUCAÇÃO E SAÚDE: POLÍTICAS PÚBLICAS OU MERCADORIA.....	21
3 COMO SAIR DA OPRESSÃO? EDUCAÇÃO “LIBERTADORA” COMO TRANSGRESSÃO COM BELL HOOKS.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5 REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar a Educação como forma de liberdade em Paulo Freire. Foi lendo sua obra, ao mesmo tempo em que estava fazendo estágio no Ensino Médio, que surgiram as inquietações acerca do problema da educação. Resolvi, então, aprofundar, neste trabalho, a compreensão do pensamento freiriano. Freire defende uma educação que visa a liberdade, ante a um modo de ensinar autoritário e tradicionalmente imposto em sala, na comunidade, em casa. O ser humano, como ser inacabado e inconcluso de si, estaria sempre na busca de vir a ser 'um ser mais'. Esse 'ser mais' estaria ligado ao conhecimento e amadurecimento da consciência humana, frente ao mundo. Nessa perspectiva, a educação pretende uma emancipação intelectual do indivíduo.

A relação opressor-oprimido encontra-se na relação professor versus alunos. Desse modo, o docente, opressor por estar nessa categoria de opressão, ensinaria aos alunos, aqui oprimidos, de forma que no ensino não venha a enriquecer, seja o diálogo, seja a dinâmica de ensino. Enquanto o "ser mais", que tende a vir de sua própria condição humana, se potencializa, em sua humanidade, com a educação transformadora, e não uma educação que venha a domesticar os educandos, na contramão de avanços sociais, intelectuais, da personalidade do indivíduo. Uma educação que os entenda como seres em construção, seja social, intelectual ou no mundo, pois na educação transformadora de Paulo Freire, todos esses aspectos são levados em consideração

A educação, como um fator que potencializa as relações em vida dos seres humanos, em que, durante a própria existência de nossas vidas, somos educados e, ao sermos educados, seja: pela educação formal e/ou informal, somos inseridos no mundo, dentro da sociedade, por meio da palavra, linguagem. Passar por este processo de alfabetização, em casa ou nas escolas, faz parte do processo de humanização, mas nem todos, dentro de uma sociedade, têm acesso a essa possibilidade de educação como ferramenta de abertura para o mundo. Muito menos se for trabalhada pela perspectiva problematizadora, pois, aqui, quando se trata de modelos bancários de educação, logo, se pensa nesse fechamento de possibilidade, em exclusão do ser, em uma não conscientização do ser por meio da educação.O

ser enquanto ser pode vir pela busca do ser mais, ao se ver objetivado nesse processo, na busca de sua humanização, pode ser tornar consciente de ser inconcluso de si, e do mundo.

Pretendemos relacionar o pensamento de Freire, com o modo de ensino que pauta a transmissão de conteúdos e mecanização da palavra, no discurso, na *sloganização* da palavra, que se esvazia de sentido, se entendendo como transferências de conhecimento em sala. Dessa forma, na visão de Freire, a consciência, numa visão culturalista da sociedade, onde o agir está diretamente ligado ao ser, implica um agir frente às opressões, um saber que proporciona ao indivíduo sua libertação.

Entretanto, em um olhar sócio-histórico dos seres humanos, é possível enxergar que, por meio da educação no cotidiano da vida em si, como base para um conhecimento e para repasse de informações, esta serviu para o aprimoramento de ideias em relações de comunidade, desde a antiguidade aos tempos modernos.

Com isso, a premissa de uma ação transformadora é, segundo Freire (1989), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, antes de aprender a ler e escrever, primeiramente lê o mundo que está à sua volta, entende algo de seu contexto, fazendo uma ponte entre a linguagem e a realidade. Pois, como Freire ressalta, o ser humano, diferente do animal irracional, pode pensar e tem o poder da linguagem, está no mundo com o mundo, não sendo um mero suporte, a palavra cria, recria, transforma a sua realidade, a dimensão do pensamento de seu mundo.

Quando Paulo Freire trabalha leitura de mundo e leitura da palavra, o educador estaria tematizando, relacionado a muitos outros aspectos de sua obra *Pedagogia do Oprimido*, a atuação dos Círculos de Cultura. Freire entende que tanto o jovem quanto o adulto, participando dos círculos, precisam tomar consciência, e assim, lerem criticamente seus mundos, seja participando dos encontros e ou nas escolas públicas. Dessa forma, entende-se que Freire advoga a necessidade dos círculos por lugares de comunidades, que sofrem com a desigualdade social, pois partindo desse ponto, o esforço intelectual de Freire teria reconhecimento.

A leitura, tendo significado no mundo, para expressar o que pensamos, não sendo apenas repetição de palavras mas com significação em relação com a linguagem, em virtude do caráter do ser humano. Nesse sentido, quando lemos,

estamos dialogando com o mundo e, conseqüentemente, o criando. (Freire, 2011, p.13) A relação de Paulo Freire com a educação de adultos se entende nesse âmbito, sendo que o analfabeto, mesmo estando em processo de alfabetização por meio da leitura de palavras, tem suas próprias leituras de mundo, leituras de suas atividades com o mundo, suas histórias. Podem ser, muitas vezes, menos críticas da realidade mas que de fato, a importância dessa leitura para assim que possível, os grupos de pessoas analfabetos em processo de alfabetização de palavras, possam estar inseridas na cultura letrada, pois, se faz importante não apenas ver dados objetos nos cotidianos mas entendê-los e poder escrevê-los.

Pois, quando o ser humano sabe dizer sua palavra no mundo, se colocando, desenvolve a compreensão crítica da realidade. Nisso, entre o diálogo e a escrita, forma-se o agir reflexivo, no permanente vir a ser, um ser que resgata a práxis, e evoca o seu caráter ontológico, o seu inacabamento. Sendo, assim, preciso a criação de uma dimensão ética do saber, do 'quer fazer', um fazer sendo trabalho e pensar autêntico, uma problematização do presente.

"A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo." (Freire, 1970, p. 21). Freire afirma que a educação popular se faz de grande importância. O ser pode vir a exercer sua vocação ontológica, está propenso a essa manifestação, a vir a ser mais. Assim, o sujeito, para Freire, precisa do ensino que seja entre o diálogo e o agir frente às circunstâncias, frente ao mundo, pois ao fazer isso, ele não se colocaria em posições pelo modo opressor vigente, mas seria sujeito de sua própria história, onde as mudanças de consciência o ajudam. Para a práxis freiriana, o agir docente tem necessidade de estar ligado à consciência crítica, pois, sendo docente problematizador, o mesmo vem a ser resistência, podendo lutar para uma mudança social, e assim, mudando as estruturas, evidenciando as opressões que perpassam esses corpos dos educandos. Ele, o problematizador enquanto educador, fará de sua docência um ato de resistência às desigualdades do mundo e de consciências dos sujeitos.

Os seres humanos, de certa forma, foram orientados, há muito tempo, pelos recursos disponíveis em cada contexto, com a ajuda de narrativas criadas durante o tempo. Com o desenvolvimento da ciência, o saber e as narrativas se modificaram, assim, a ciência pode direcionar os indivíduos orientados, e assim, nasceram teorias

para serem repassadas. Freire defende o quer fazer dos educadores pautados em teorias, um saber dialógico, feito pelo coletivo, pois o ensinar exige preparação: estudos. Assim, se dá, enquanto continuada, essa formação docente, o querer fazer crítico, criador, ler não sendo apenas a memorização de palavras, e sim, leitura como compreensão crítica, feita por sujeitos curiosos. Também exigiria interesse pelo saber popular, que é o saber dos educandos.

Os seres humanos são agentes do processo de construção de suas realidades. Freire relaciona isso à vocação ontológica do ser, e chama a atenção para sua abertura no mundo, de forma que os seres humanos podem, a partir do uso de suas consciências, virem a ter suas humanidades completas. Nesse processo de reconstrução dos seres para o ser mais, que até então pessoas que estavam na opressão não desenvolviam, mas podem passar a desenvolver, a partir do momento que uma pessoa consegue ler o seu mundo e interpretá-lo criticamente. Logo, nasce uma nova dimensão, e nesse sentido, muda-se a realidade, pois foi entendido que o ser tem, em si, a consciência de suas inconclusões da própria natureza humana.

Contrapõem-se a educação bancária versus a problematizadora, onde a primeira procura apagar as características desse ser, assim onde a educação problematizadora atribui significados à relação de educandos e educadores nesse processo, e, assim, deixa claro que o ser humano tem a capacidade de vir-a-ser um ser mais, já que depõe de sua própria historicidade.

As possibilidades de reconhecimento para os oprimidos se dão, nesse sentido, ao reconhecer suas vidas, suas subjetividades, seu lado humano nesse processo, de ser mais humano, mais gente. Pois, partindo da educação enquanto problematizadora, onde se faz a educação crítica, assim, nascem subjetividades geradoras desse saber, saber este de dinamizar e assim se reconhecem em suas vidas.

Em *Pedagogia do Oprimido*, inicialmente, Paulo Freire vem mapeando 1. o que para ele se dá enquanto opressão e opressor-oprimido, e para isso, ele esclarece, na introdução de seu livro, trazendo primeiro 2. como se forma a opressão, quem está nesse processo, como ele vê 3. o que realmente é necessário para sair deste estado de aprisionamento, e quais são as fases. Freire esclarece em

subtópicos, como também traz em seus capítulos bem compartimentados e elaborados, o que para ele chama de “Pedagogia do Oprimido”. Em síntese, essa obra é um trabalho complexo, feito anos após seu exílio no Chile, em sua volta ao Brasil.

Buscando entender o que ele pretende com o desvelamento da categoria de opressão, e como sua obra pode contribuir, a monografia será feita com um olhar para sala de aula, mais especificamente, o ensino de filosofia em rede pública do Ensino Médio, pensando em como seria uma educação que visa libertar os indivíduos. Um saber que possa proporcionar uma emancipação do ser, e dessa forma, um saber que transcende todos da comunidade. Assim, discutiremos o livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito pelo patrono da educação, traçando alinhamentos entre os seres e seu conhecimento, para introduzir os conceitos do que o Paulo Freire apresenta em seu escrito. Freire pensa a vida, pensa as ideias e objetivos dos seres como algo a ser alcançado na busca da autenticidade.

A obra de Paulo Freire tem, em suas raízes, a luta pela libertação, em conjunto, dos que se encontram em contradição, em opressão. Inconscientemente estando na posição de inferiores, Freire escreve que os oprimidos têm, em suas condições, a falta de suas subjetividades.

Visando abordar as contribuições de uma educação problematizadora em Paulo Freire, pensaremos quais são as relações opressor-oprimido, dentro de uma sociedade moderna e o que fazer, por meio e com a educação, a favor da saída da desumanização, pelo diálogo, esse sendo o condutor democrático. Sair dessa hierarquização seria superar a situação de opressão, se a educação como forma de liberdade vai ao encontro da dialogicidade.

O presente trabalho pretende investigar, nos escritos de Freire a concepção que rechaça a educação bancária, onde a manipulação ao homem-mulher se encontra por meio e por um ato de transferência, e não necessariamente de ensino, mas que seria cativação pelo amor, pela problematização do presente dos sujeitos.

Esta introdução é seguida por três capítulos: o primeiro discute o que é opressão e como se dá a relação entre opressores e oprimidos; o segundo capítulo questiona como se sustenta a opressão e apresenta três aspectos da opressão de adolescentes: a sexualidade, o trabalho e a saúde; e o terceiro capítulo propõe, a

partir de bell hooks, algumas reflexões sobre a possibilidade de transgressão desta estrutura opressora.

1. O que é opressão e a relação opressor e oprimido, segundo Freire

Enquanto seres humanos vivendo em sociedade, formada por pessoas, comunidades e povos, nos relacionamos em diversos âmbitos, marcados por categorias como raça, gênero, sexualidade e classe social. Paulo Freire compreende as relações sociais como processos em constante construção, que conformam identidades, agentes, ações e subjetividades. Essas subjetividades, quando conscientes de sua própria formação, podem se potencializar e tornar-se criadoras.

As ações criadoras do agente — do educando, enquanto ser de busca — ocorrem dentro do contexto social em que ele está inserido. Essa busca não se dá apenas em benefício próprio, mas em favor de toda a comunidade, promovendo libertação. Freire ressalta, nesse sentido, a importância da comunhão como princípio educativo.

Na realidade dos educandos, a opressão se manifesta quando estes são reduzidos a seres estáticos, inconscientes do poder do próprio agir, privados da capacidade de transformar suas realidades. Assim, em contextos de desigualdade social, o ato de estudar pode significar resistência — não apenas como prática individual, mas como possibilidade de, por meio da educação, desenvolver pensamento crítico, questionando a própria condição.

Em Pedagogia da Autonomia, Freire (1996, p. 15) afirma: “Ensinar exige rigorosidade metódica”. Essa rigorosidade se concretiza na medida em que os educandos compartilham, no ato criador do conhecimento, seus saberes e experiências. É fundamental reconhecer que educadores, enquanto agentes do processo de ensino, são também aprendizes. O estudante, por sua vez, precisa de amorosidade nessa relação, para se reconhecer nela e nela se constituir como sujeito.

A docência requer também a discência. O ensinar-aprender nasce da relação humana. No entanto, para ensinar corretamente, o educador deve, antes, aprender com sentido — um aprendizado que lhe permita ensinar com responsabilidade e criticidade. Nesse contexto, não há espaço para discursos antipedagógicos. Mesmo

professores de perfil conservador precisam dominar esse saber, com compromisso ético e formativo.

Tal condição é fundamental para a aprendizagem crítica e para o desenvolvimento da consciência dos alunos, garantindo-lhes a possibilidade de criar, recriar e recomeçar junto aos professores. Partindo disso, os educadores podem “pensar certo”: não como quem acumula leituras passivamente ou se submete ao texto, mas como sujeitos que indagam, se revoltam diante dele e buscam recriá-lo em diálogo com suas realidades. O novo, nesse sentido, possui potência transformadora.

Freire alerta que, desde o início da formação docente, é preciso “pensar certo”: compreender que ensino e aprendizagem estão em relação dialética, na unidade entre discência e docência. É preciso ler certo para ensinar certo — sendo sujeito da leitura, não mero reproduzidor. Caso contrário, corre-se o risco de praticar o “pensar errado”, que acomoda o sujeito, impede a busca do novo e bloqueia o processo de transformação.

Para Freire, a educação não deve ser reduzida a um método mecânico. O conhecimento deve ser entendido como processo de transformação, desenvolvido na relação entre educadores e educandos — ambos inseridos num movimento de conhecer, ensinar, aprender e criar.

Os educandos pertencem a uma comunidade, a uma classe social. Em geral, fazem parte das classes populares, historicamente oprimidas, que buscam romper com esse ciclo de exclusão. Para tanto, é fundamental reconhecer e valorizar suas histórias de vida no contexto escolar, entendendo-as como parte de um movimento de transformação e produção de narrativas próprias.

Como afirma Freire (1970, p. 47): “No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo ser mais.” A busca pelo “ser mais” — característica exclusiva do ser humano — exige a tomada de consciência das classes populares sobre sua condição no mundo. Apesar das dificuldades em “pensar certo” numa sociedade onde muitos “pensam e agem errado”, esse processo abre novas possibilidades e dimensões.

No entanto, para agir de forma transformadora, os sujeitos precisam reconhecer sua localização social e compreender que a opressão se sustenta porque o opressor não busca a libertação do oprimido, mas sim sua coisificação e submissão. A libertação, portanto, depende da consciência crítica e do movimento coletivo.

Freire (1978) destaca que a marca da educação libertadora está na relação dialógica, por meio da qual os sujeitos se comunicam e se formam em sociedade. Essa prática acontece tanto em contextos escolares quanto em experiências de alfabetização popular, como os Círculos de Cultura destinados a jovens e adultos de baixa renda, trabalhadores, moradores de comunidades rurais e populações marginalizadas. Reconhecer e valorizar os saberes populares é essencial para uma prática educativa transformadora.

Nesse espaço, a educação bancária — centrada na transferência mecânica de conteúdos — se contradiz e perde legitimidade. A dialogicidade passa a constituir a essência da educação libertadora. A educação bancária aprisiona consciências, fixando educadores e educandos em um estado de alienação e conformismo, impedindo que se vislumbre novos caminhos. Como escreve Freire (1978, p. 91): “No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, espacializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila.”

E ainda, em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1970, p. 67) afirma: “É a dualidade existencial dos oprimidos que, ‘hospedando’ o opressor, cuja ‘sombra’ eles ‘introjetam’, são eles e ao mesmo tempo são o outro.”

Nessa condição, os oprimidos permanecem presos ao ciclo da opressão, sendo necessário que desenvolvam consciência crítica para superá-lo. Somente a partir desse desvelamento é possível recriar suas narrativas, suas histórias e suas vidas.

Em uma sociedade marcada por desigualdades de classe e outros fatores estruturais, os modos de vida das populações marginalizadas são, muitas vezes, pré-determinados. Fatores como o desemprego, o baixo nível de escolaridade e a exclusão social limitam o acesso ao conhecimento e à participação plena na sociedade.

Diante disso, cabe perguntar: sem compreenderem-se como seres em busca, como sujeitos de práxis, de que forma os educandos se relacionam com a opressão em sua vida cotidiana? Como entender a situação de alunos em escolas que não consideram suas vivências, suas narrativas e seus modos singulares de aprender? Como conceber uma educação que se reduz ao repasse tecnicista de conteúdos, moldada por um projeto de vida baseado no capitalismo e na lógica da exclusão?

2. Como se sustenta a opressão? Alguns aspectos: Sexualidade, trabalho e saúde

Segundo Freire (1989, p.84): “Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade para se adaptarem melhor ao estado em que se encontram”. No entanto, nessa falta de interesse na mudança de vida desses corpos marginalizados, o opressor tende a mudar a mentalidade deles, conformando-as ao estado de opressão. A mudança que se pretende, ao defender uma educação que liberte a capacidade de pensar por si, é uma mudança que permita viverem em sociedade para buscarem em partilha.

2.1 Opressão da sexualidade na educação bancária: uma reflexão com Lady Gaga

Os modos de opressão em nossa sociedade são diversos. Aqui trataremos de uma das opressões sofridas por estudantes no contexto da educação bancária, refletindo sobre como uma educação libertadora poderia impactar suas vidas. Adolescentes, em processo de descoberta de suas identidades e orientações sexuais, frequentemente sofrem homofobia em diferentes espaços - família, sociedade e escola.

Enquanto seres humanos capazes de amar, de realizar e de construir, somos atravessados pelo medo do amanhã. Ao chegarmos à escola, especialmente na adolescência, muitos somos violentados por falas, gestos, olhares e pela homofobia - pela raiva dirigida ao corpo diferente, ao corpo que performa o não esperado.

Falar sobre essa dimensão da vida de pessoas LGBTQIA+ é falar sobre quem realmente somos; é narrar nossas histórias sob o olhar de quem viveu — e continua vivendo — tais experiências. É também afirmar a beleza de não se submeter às normas pré-estabelecidas pela sociedade e pela família. Trata-se de olhar com

orgulho para nossas trajetórias e seguir de forma autêntica, amando quem somos e quem escolhemos amar.

O preconceito, que atravessa essas histórias, muitas vezes, determina os limites do que se poderá viver. Ser homem gay, em uma comunidade que enaltece a heteronormatividade e nega identidades diversas, pode significar uma afronta à própria existência. Como ser homem gay, numa comunidade que afirma não aceitar corpos que performam uma identidade diferente, desviando da normalidade heterossexual?

O menino gay, xingado muitas vezes por parentes próximos, cresce, mas no ato de crescer, floresce de forma diferente, com dores que foram silenciadas por ele próprio e por quem dele cuidava, pelo fato de, no momento certo, não ter tido o apoio correto, a orientação dos modos de viver, e que viver poderia ser difícil sendo aquela pessoa.

Mesmo com a beleza da caminhada, dos trilhos que percorremos, encontramos na raiva, o modo de seguir. A raiva muitas vezes é o sentimento produtor, fazemos dela um combustível viável para alcançar novas possibilidades de existir, frente à tanta violência que nos passa, que nos atravessa.

Nesse sentido, cabe perguntar: de que forma o conservadorismo, entranhado na sociedade, se relaciona com o ato de discriminar corpos LGBTQIAPN+¹?

Um ser ético, um profissional que tendo em sua profissão um agir certo, em dar aulas, vê que sua vida pode ter sentido naquilo que está a fazer de sua profissão, de sua história, assim como Freire nos lembra da importância do agir na delicadeza na decência, um agir que performa o invocar do próprio humano.

Stefani Joanne Angelina Germanotta, mais conhecida como “Lady Gaga”, cantora, compositora e atriz norte americana, um fenômeno internacional e referência para o público Lgbtqia+, que, mesmo tendo a própria imagem negada em sociedade por esta associação, tem a disposição de, pela arte, nos diferenciar como seres capazes de sermos amados e vivermos, e de nos encorajar, por meio das letras de suas músicas, a defendermos nossa posição, de onde estamos e para onde iremos.

¹ A sigla LGBTQIAPN+, traz um legado de inclusão e de respeito dentro da comunidade, visto que foi feito a partir de uma construção em comunidade, representação de orientação sexual como de identidades de gênero.

O corpo daquele menino gay, precisando de mecanismo para fugas da ansiedade, até mesmo do cotidiano, encontrou, em escutar músicas, a fuga mais que necessária para a realidade que doía e arremessava para longe qualquer possibilidade de futuro. Com a cantora Lady Gaga, nasceu uma nova dimensão para aquele adolescente. Quando falamos que o viver do corpo gay perpassa o político, a arte de Gaga nos referenciou com muitas ou quase todas as suas faixas, sua existência é pura possibilidade do existir, política.

Na letra da música “Born This Way”, em tradução “Nasci desse Jeito”, Gaga nos lembra que, mesmo em meio ao caos, podemos, ainda que em uma sociedade conservadora, resistir e existir. Quando Gaga declara, por meio de suas letras, amor e apoio ao público lgbtq+, adolescentes e pessoas de todas as faixas etárias, de todo o mundo, se sentem abraçados com suas diferenças, por ela, pela arte de poder escutá-la.

Crescer ao som de Lady Gaga é encontrar, em suas composições, letras que dialogam com diferentes realidades gays e que fortalecem a autoestima de muitos jovens. Isso os ajuda a compreender que o corpo gay é também um corpo político, sujeito de direitos, presente em escolas, universidades e locais de trabalho - ainda que violentado, muitas vezes de forma velada.

A suposta tolerância social não se traduz no cotidiano. Pessoas LGBTQIA + são obrigadas a ocultar gestos de afeto, suas relações e identidades, sob pena de sofrerem represálias. Esse é um processo violento, ainda que naturalizado.

Pensar uma sociedade que sustente essas vidas parece uma utopia necessária, junto disso viria a educação em que se cria mais inclusão, mais respeito e diálogo, conhecimento, informação, pensando na sociedade, em geral, na escola e na família. O poder que a família carrega de, no ato de criação dessas vidas, mudarem seus rumos. Pais expulsam filhos lgbtq+, pelo simples fato de serem ou fazerem parte de um grupo “estranho”, de terem um conjunto de atributos, que muitos, em sociedade, não sabem definir, apenas acusar, abusar e difamar.

A educação que Freire defende visa a humanização desses corpos esquecidos, pautada pelo diálogo, pela inclusão e pelo ajuste de um aprendizado, capaz de dar vez e voz aos seus educandos em processo de formação. Essa educação pode parecer utópica, uma educação que pensa o aproveitamento de

tantos temas e assuntos que permeiam a sociedade e os indivíduos. Pensar em uma educação que possa deliberar o debate sobre gênero e sexualidade abertamente nas escolas e que não pareça que estão a falar do ato “sexo”, por ser algo diferente, mas é possível.

Eu sou linda do meu jeito
I'm beautiful in my way
Pois Deus não comete erros
'Cause God makes no mistakes
Estou no caminho certo, meu bem
I'm on the right track, baby
Eu nasci desse jeito
I was born this way (Born This Way, Lady Gaga)

Dessa forma, Gaga reforça a necessidade de nos olharmos com carinho, respeito e lembrar de nossas humanidades no processo de formação, inclusive na graduação. Logo, quando, como professores, chegarmos a assumir uma sala de aula, carregar esse legado de que também haverá, em nossas salas de aulas, seja no ensino básico, médio ou superior, outros corpos que estão ou estarão passando pela violência do conservadorismo: familiar, educacional, etc.

Freire relaciona a liberdade dos indivíduos pela educação ao ato de poder se dizer no mundo ao mundo, de se fazer, através do conjunto de palavras, pela relação que elas causam à consciência, e assim tal consciência direciona os educandos a atos de solidariedade, de justiça, de partilha e de esperança. Um esperar feito por pessoas capazes de se reconhecerem na caminhada da luta.

Pois, com essa relação de proximidade de educação, sociedade e arte, a relação da figura da Gaga, de suas músicas com o público lgbtqiapn+, é direta, e assim os adolescentes, que chegaram a crescer escutando-a, na atualidade são professores, doutores, enfermeiros, entre diversas profissões. Gaga teve um papel de grande importância nessas vidas, e ainda mais para a construção de suas personalidades, ter a cantora como referência de um corpo diferente, que aceita o estranho, era imensamente reconfortante, amigável.

A letra de sua música *Born this way* - que fala sobre aceitação de quem somos, e que se nos permitirem viver, então estaremos no caminho, é uma dose de esperança para corpos excluídos de tantos lugares e por tantas pessoas. A cantora performa uma monstruosidade em suas danças, sincronizada às suas letras. Nasci

assim: como uma forma de pertencimento à própria identidade, trabalhar a aceitação, e dessa forma, não apenas os corpos diferentes, mesmo que o corpo gay é de fato um corpo humano, que se relaciona e que transmite e sente suas emoções.

Com isso, estabelecemos a relação entre uma educação humanizadora freireana, que coloca o diálogo e as compreensões de mundos, para uma melhor forma de aprender e também ensinar, e as músicas da Gaga, em especial *Born this way*: Nasci Assim, que trabalha a questão humanizadora da comunidade lgbtq+, pela aceitação e pertencimento de suas próprias vidas.

Se a alfabetização precisa partir da leitura de mundo, daquilo que faz sentido para as pessoas alfabetizadas, os debates sobre quem somos e o que queremos ser, a formação integral dos jovens também pode partir das referências que tocam suas vidas, como Lady Gaga, por exemplo.

2.2. Educação e trabalho: opressão e liberdade

Freire defende uma educação capaz de transformar realidades, ao considerar os contextos históricos das pessoas e desvendar suas necessidades enquanto sujeitos pertencentes a comunidades. Ele denuncia o estado de coisas tal como está, evidenciando como as pessoas têm sido subjugadas e mantidas em condições de opressão. Acreditando em um ensino que emancipe o pensamento dos indivíduos em comunidade, Freire propõe uma sociedade aberta ao diálogo, em que seja possível escutar o diferente e promover a inclusão. A partir dessa proposta de ensino, os educandos passam a contestar posturas excludentes e a questionar as violações de direitos básicos na sociedade.

Considerando que a maioria dos educandos almeja se profissionalizar — e que muitos já se encontram inseridos no mundo do trabalho — é fundamental analisar esse aspecto da vida social. No contexto do capitalismo, o trabalho está diretamente relacionado a formas de opressão. Ele possui papel central na trajetória de um ser humano, sendo, muitas vezes, o meio pelo qual se tenta construir uma realidade diferente daquela em que se nasceu. O ato de estudar, portanto, representa uma forma de resistência. O diploma passa a ser o passaporte simbólico

para escapar dos modos cruéis de trabalho, geralmente impostos a trabalhadores precarizados, que, mesmo diante de longas jornadas, não recebem uma remuneração justa.

Enquanto a classe alta acumula bens, riquezas e privilégios a partir dos subempregos que oferece, a classe trabalhadora carrega em sua história marcas de adoecimento, dívidas e condições de vida precárias. Como afirma Freire: “Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos.” (FREIRE, 1970, p. 63). No contexto atual, os empregos oferecidos, sejam em fábricas ou em atividades informais, são frequentemente a única alternativa para quem busca sobreviver. No entanto, os salários não acompanham as horas trabalhadas, o que mantém esses trabalhadores em constante vulnerabilidade.

O ato de estudar constitui, como já mencionado, uma forma de resistência frente à opressão perpetuada por uma classe que visa apenas o lucro às custas do sofrimento de pessoas honestas. Essas pessoas, muitas vezes, precisam se submeter a formas de trabalho exaustivas, diariamente. Para muitas delas, sequer existe o direito de sonhar com os estudos ou de acessar o novo, pois estão presas na engrenagem do capital — uma engrenagem que produz riqueza para poucos, mas não garante dignidade à maioria. Mesmo sendo responsáveis por gerar valor, esses trabalhadores só podem usufruir do que produzem se pagarem por isso. Um exemplo claro: alguém que fabrica calçados precisa comprá-los em uma loja, como qualquer outro consumidor.

Existem ainda, na sociedade capitalista, corpos que se desviam do padrão considerado “normal” — corpos que não se encaixam no modelo ideal de trabalhador, que não conseguem manter-se dentro da engrenagem social imposta. Esses corpos não se exaurem em fábricas de calçados, aço, borracha, nem ocupam os espaços como serventes, pedreiros ou marceneiros. Apesar de muitos desses ofícios serem legitimados socialmente e sustentarem famílias, os sujeitos que os exercem ainda não são reconhecidos em sua integralidade, tampouco valorizados por sua força de trabalho ou pela diferença que promovem na sociedade.

Há, hoje, um discurso que forma uma espécie de bolha, capaz de atravessar todos esses corpos, especialmente os mais vulneráveis. Trata-se de um discurso

neoliberal, que perpetua modos precarizados de sobrevivência e que se articula com o apoio de empresários e grandes empresas, visando manter o controle sobre os processos educativos no país. Esse controle busca moldar, desde a infância, sujeitos adaptados às exigências do mundo capitalista, ensinando-os a se conformar ao sistema, e não a questioná-lo.

Uma espécie de educação tecnicista, segundo Freire, fundamenta-se na concepção bancária do ensino. Essa concepção se apoia em uma ideia mecânica, estática e especializada da consciência, transformando os educandos em recipientes vazios — quase objetos — a serem preenchidos com conteúdos. Por isso, carrega o que o autor chama de “marca necrófila”. Trata-se de uma educação regida por grandes grupos econômicos e interesses políticos, cujo objetivo é formar sujeitos meramente funcionais ao sistema. Assim, os educandos são empurrados para subempregos, privados de visão crítica, força e tempo para se dedicarem aos estudos. Aprendem apenas o básico, não para refletirem sobre sua existência, mas para se tornarem parte de uma massa que apenas executa tarefas, sem questionar.

2.3. Educação e saúde: políticas públicas ou mercadoria?

Apesar das adversidades que apresentamos, há resistências, inclusive com conquistas no campo políticas públicas. O Brasil é um país rico em recursos naturais e conta com o Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar do legado milenar de genocídio e escravização dos povos originários, dos povos africanos e dos habitantes do sertão e do Cariri, há também a riqueza de existir e a importância de viver em um país que tem, como política pública, o SUS - um sistema que salva vidas todos os dias, pelas mãos de trabalhadores da saúde e também de profissionais da limpeza pública.

Não dá para pensar uma educação integral sem pensar em saúde. Sabemos que o hoje a saúde mental é uma questão muito séria que atinge uma grande parte dos adolescentes, jovens e adultos, inclusive dentro da escola. O Sistema Único de Saúde deve ser uma política permanente, acessível a todos os brasileiros, seja por meio dos postos de Saúde da Família (PSF), das Unidades Básicas de Atendimento, dos centros de coleta de doação de sangue, entre tantas outras funções às quais o SUS está vinculado em todo o país. Seu alcance é imenso, desde a vacinação em

massa da população até os centros de referência para pessoas idosas e casas de apoio, entre outros serviços fundamentais.

No entanto, de que forma o SUS pode e tem sido alvo de desinformação por parte de grupos organizados para atacar a saúde pública, construída por brasileiros para brasileiros? O conservadorismo, em muitos casos, aposta no sucateamento dessa política pública, por meio das falácias e, não raro, com o apoio de instituições religiosas (Campos, 2022).

O neoliberalismo, travestido de discurso meritocrático, ganha força no contexto brasileiro, sustentado por empresários e instituições que visam sempre mais lucro às custas de vidas precarizadas. Trata-se de uma manipulação das condições de existência, em que os mais ricos buscam tirar proveito das fragilidades econômicas da população.

Enquanto ditam o discurso de que “hoje em dia”, basta querer “vencer na vida”, o que exigiria apenas esforço individual e dedicação extrema, a realidade mostra que muitas pessoas são submetidas diariamente a condições de trabalho desumanas e a múltiplas formas de opressão. Ainda assim, precisam viver dessa forma, pois a renda que recebem não cobre suas necessidades financeiras e básicas, seja de uma família, seja em outros contextos de sobrevivência.

Segundo Freire, “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1970, p.108) O autor ressalta, com grande precisão, a importância do trabalho comunitário e da esperança coletiva. Somos seres de criação e de comunhão, que compartilha a esperança por dias melhores, por trabalhos justos para pessoas honestas, por saúde e por educação em comunidade. O trabalho deve ser entendido como resistência ao modo de vida precário e como instrumento de busca pela igualdade. “Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo” (FREIRE, 1970, p.109)

3. Como sair da opressão? Educação “Libertadora” como transgressão com bell hooks.

Pode-se afirmar que, em razão de a concepção de educação bancária visar, pensando com Freire, uma forma de narrar, de

transmitir o conteúdo, nisso, ao ato desse repasse, ambos, educador e educando, estariam, seja em sala de aula ou na comunidade, em prejuízo em relação ao ato de educar de forma ética e responsável, que leve em consideração o que os educandos têm a enriquecer no ato de falar, de participar ativamente da criação em sala.

Pois, aqui, é defendida, pelo educador, a liberdade enquanto um princípio do ato de ensinar, de certa forma, direcionado ao ser que busca o conhecimento, o saber, um agir que se dá na esfera da *práxis*. Agir, refletir e dialogar de um modo que não seja um aluno qualquer na escola, mas aquele ser humano que traz suas singularidades, para poder pensar uma vida de sentidos e atos que carreguem consciência, e assim, não sendo levado ao encontro de um estado de desumanização.

Paulo Freire apresenta uma pedagogia que tem como fonte geradora a educação que se dispõe na ordem social, diagnosticada por ele como opressora e a qual ele pretende transformar. Ele formula uma proposta de educação trabalhada na *práxis*, vivenciada na sociedade e que requer a participação nessa transformação, pois a comunidade participa ativamente da criação crítica, seja na escola e em outras mais instituições de ensino públicas. Dessa forma, advoga-se ao ato de emancipação ao passo que a realidade vivida desses seres humanos não estaria desgrudada da consciência.

Então, essa concepção de educação bancária, como assim chama Freire, se faz ao passo que os conteúdos trabalhados na escola se façam pelo simples fato de narrar determinados conteúdos. Contra essa perspectiva, destaca-se a importância do diálogo e da reflexão para que se possa construir uma nova dimensão de saber, seja em salas de aulas, instituições e outros múltiplos espaços, em que os atos de dialogar e refletir possam caminhar e se estruturarem na descoberta do saber. Saber esse que se conecta com a realidade dos corpos, tidos como marginalizados por meio do sistema opressor, mas, aqui, abrindo-se para dimensão educacional, social e política dos seres humanos.

Conforme diz bell hooks:

desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática de liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo

esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula, convicta de serem participantes ativos, não consumidores passivos. (HOOKS, 2017, p. 26)

Parece que a autora defende a educação como forma de poder enxergar um novo horizonte possível de se viver, assim como os educandos podem se ver no processo de aprendizagem, sujeitos nesse caminhar. Nesse sentido, alunos e professores se veem, uns aos outros, como seres repletos de potência, pois, quando hooks traz a concepção de “pedagogia engajada”, ela retrata que seria uma pedagogia de liberdade, que visa o bem estar, seja dos educandos ou dos professores.

bell hooks mostrou que precisa criar um ambiente onde os alunos possam pensar sobre o que estão estudando e conectar com suas realidades, pensamento crítico criando assim uma conscientização maior em suas prática diárias, dessa forma, relacionando o que se estuda em sala com a sociedade.

Dessa forma, a autora fala; “Isso significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de ‘autoatualização’ que promova o bem-estar.” (HOOKS, 2017, p. 28) Assim sendo, para bell hooks, a ‘autoatualização’ se dá ao educador enquanto um conjunto de ferramentas que o educador possa vir a conquistar e a exercer, tais como uma vida feliz espiritualmente, fisicamente e também que procure o aspecto progressivo e holístico que se forma.

Quando hooks defende a ‘autoatualização’ ela aborda a integridade dos educadores como seres humanos inteiros, que estão em um processo de capacitação para poder vir a ser um ser íntegro de suas necessidades. Nesse sentido, o ambiente “sala de aula” é o lugar que requer essa maior disposição de corpo e mente do educador.

A escritora fala em seus livros sobre como foi para ela poder ver a obra de Paulo Freire como referência para sua vida acadêmica e pessoal, as obras dele lhe trouxeram uma guinada de vida. Como a teórica relata em seu livro, “Ensinando a Transgredir” (1994), trazendo em seus capítulos, tanto a pedagogia engajada, como estudos teóricos feministas, pensando a libertação através da educação, da

autonomia dos estudantes, sejam eles negros ou brancos, uma libertação como processo de conscientização desses corpos marginalizados.

Tal conscientização pensada, para os educandos, dentro da sociedade que se faz sadia, levando dignidade por meio da liberdade de os educandos escolherem estudar, ou participarem dessa sociedade ativamente como seres inteiros de corpo e mente, assim, deixando de serem marginalizados ao tentarem se entender por inteiros, ao descobrirem a si mesmo e o mundo ao seu redor.

Partindo desses apontamentos das possíveis ligações entre Paulo Freire e bell hooks, o conceito deste capítulo se faz em diálogo com o capítulo: “Educação bancária e educação libertadora”, da obra *Pedagogia do Oprimido*. Assim, levanta os questionamentos acerca de como se dá a questão “bancária” da educação, lembrando que, em sala de aula, seja no ensino médio, seja em quaisquer níveis, o modo de ensinar requer que tenha um professor à frente da turma para ensinar o que ele julga saber e os estudantes de certa forma, estejam lá para absorver o conhecimento, e é nesse sentido, que a educação tida como bancária para Freire não acrescenta verdadeiramente na vida dessas pessoas.

No entendimento de bell hooks, quando se lança à “pedagogia engajada”, a autora pensa o lado do próprio estudante, falando tanto de seus anseios como de que forma o modo de saber, de estudar, pode ser transformador, ao passo que a educação bancária, enquanto estratificadora do saber, é conservadora do *status quo*. A pedagogia engajada vai além das fronteiras por não reproduzir formas de desumanização, atentando-se ao aluno enquanto humano que provoca e está aberto para a vida.

Pedagogia engajada que incentiva a relação em sala, formando um ambiente seguro onde alunos podem compartilhar ideias, teorias e mundos, onde o se sintam seguros com a participação dos colegas a se posicionarem criticamente, e a melhorar a participação no debate. Dessa forma, bell hooks escreve sobre a prática social onde uma educação pode evidenciar práticas de exclusão, marcar vidas pela orientação de meios de viver, que se estabelecem em contato com suas necessidades enquanto seres de busca ativa em relações.

“A educação progressiva e holística, a “pedagogia engajada”, é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional.” (HOOKS, 2017, p. 28) Então,

dessa forma essa pedagogia remete a professores que precisem buscar estarem em seu Bem-estar, assim professores bem de saúde física, espiritual e emocionalmente podem dar o seu melhor aos alunos. No entanto, muitos desses professores adoecem na relação de ensinar, pois esta requer um aprofundamento de suas habilidades e necessidades enquanto são seres de subjetividades.

“Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (HOOKS, 2017. p,56.). São aspectos fundamentais em um ser humano: sua saúde mental, do espírito, pois quando uma pessoa tem equilíbrio interno e externo de sua vida, de suas decisões, ela pode relacionar o trabalho com suas necessidades individuais, já ao passo que um professor que não consegue ter esse equilíbrio, logo poderá não transformar as vidas, as quais ele próprio irá encontrar pelo caminho.

Participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos faz parte do processo de autoatualização de professores progressistas, pois quando estão, de certa forma, conectados com os educandos, podem não só mostrar-lhes novas perspectivas de aprender em conjunto, como também abrem um leque de seus próprios mundos para ambos ganharem novos jeitos de ver, sentir, aprender, dialogar e relacionar.

‘Autoatualização’ como autorealização de si próprio, estar em um mundo sendo condicionado pelas suas experiências de vida, suas vocações e seus interesses, serem professores requer de certa forma uma maior compreensão de mundo, de si, pois assim os educadores conseguem ajudar na transformação do entendimento dos alunos de forma leve. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos” (HOOKS, 2017, p. 28)

Há tensões entre uma educação que visa liberdade dos indivíduos, mas sendo preciso que se vise a questão do poder, pois liberdade de consciências não significaria uma liberdade disfarçada de licenciosidade, pois, nesse sentido, em uma sala de aula é necessário manter um diálogo sempre frequente e poder construir juntos aos educandos uma linha de raciocínio, e isso requer muito esforço, tanto dos educadores quanto dos educandos. Pode-se decidir realizar a construção desse ambiente. “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo” (FREIRE, 1970, p. 115).

A autoatualização implica, de certa forma, cumprir uma missão de vida, talvez seja como uma forma de vocação de um indivíduo para o ato de ser professor. Muitos buscam se avaliarem em suas carreiras, o modo de suas metodologias, e assim para se pensar essa vocação que se relaciona, para hooks, ao que diz respeito à autoatualização,

Frequentemente se tem ouvido relatos de professores, em todas as esferas de ensino, sobre como cresce o desinteresse dos alunos do ensino médio, ainda mais se for por meio de disciplinas de humanas. Alguns entendem que é preciso relacionar a aula a acontecimentos do cotidiano dos alunos, pois, assim, se acredita que tenha tomado um pouco de suas atenções. De certa forma, professores tendem a buscar meios e maneiras claras para lidar com isso, e isso se relaciona diretamente com o que bell hooks defende.

Estar atualizado, em outra dimensão, seria também se desvendar como alguém que busca para além do que se deve, sendo professor fazendo um trabalho a mais pelos educandos. “Essa exigência da parte dos alunos não significa que eles sempre vão aceitar nossa orientação. Essa é uma das alegrias da educação como prática da liberdade, pois permite que os alunos assumam a responsabilidade por suas escolhas”. (HOOKS, 2017. p,33).

O poder aparece como ferramenta de controle social. Em relação a professores, manter esse controle em sala diz respeito a de que forma pretende manter a atenção dos alunos, para poderem criar e poder movimentar o diálogo. Em sala, nem todos os alunos tendem a ter inclinações para ou interesse no assunto proposto, dessa forma o modo como essa relação de poder se dá na aula, tem grande importância para a construção de diálogo e não um maior silenciamento dos alunos.

Nesse sentido, enquanto os educandos podem se preparar para começarem a buscar mais pela aula, também têm em suas potências do agir, sair da zona de conforto de meros alunos, e fazerem perguntas com objetividade, responder e criar um ambiente interessante para eles, superando a dimensão de tédio e desinteresse por meio de todas, no ambiente de criação.

Segundo Freire e hooks, essa educação que tem como objetivo emancipar subjetividades, tem como base principal o diálogo, pois ao passo que uma educação

muda mentalidades e acrescenta na vida de alunos, por meio de conversas em sala, gera relação de interesses, pelos alunos, para discussões de temas.

“Para a educação problematizadora, enquanto um querfazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação” (FREIRE, p. 105.), criando-se, assim, uma construção de uma comunidade dialógica para lutar pelos direitos civis em sentido de que se mantenha em diálogo e que pretende relacionar seus mundos com suas realidades, pensando criticamente com a sociedade, protagonizando emancipação intelectual, afetiva.

Há o surgimento do ‘eu’ tanto dos educadores quanto dos alunos, pois ambos necessitam se reconhecer através da *práxis*, um agir e pensar que andem em encontro com o que são, para liberdade dos educadores, pois, assim, podem ensinar para a liberdade dos educandos. Uma pedagogia engajada que trabalha a relação das subjetividades, formando-as, descobrindo-as, juntos em ensino transgressor.

Pois a pedagogia engajada de hooks tem como base o amor e o cuidado. O educador busca o autoconhecimento, melhorar sua vida pessoal e espiritual. Como também acontece que os educandos podem relacionar sua saúde mental, física, por meio da experiência de sala, com a interação de uma conscientização do eu, nesse processo, enquanto ser que busca. Resultados oriundos dessa experiência podem ser se ver em suas autonomias, seres conscientes nos processos de formação em sala e em comunidade, por ser uma contínua da outra.

Ética do amor, em relacionar o processo de ensino aprendizagem ao olhar cada aluno por lentes diferentes. Isso pode potencializar um novo ensino, não reproduzir mais marginalização, e sim liberar suas subjetividades, olhar com empatia e amor é construir um espaço emancipatório, transgressivo da educação bancária.

Nessa relação de cuidado, o cuidar do outro por meio da palavra dita, pronunciada, se torna também um ato de ética ao cuidado de si e do outro, cuidado em sala de aula por meio de diálogos, escuta, aceitação do diferente, voz ativa em uma dialética que se forma a partir do desejo de ambos no processo de humanização.

Dessa forma, ao destacar a importância da música da cantora Lady Gaga, para maior compreensão do mundo que estive, foi valioso a dimensão de consciência do meu próprio mundo para desvendar minha personalidade, meus desejos. A arte como uma influência para descoberta de si e do outro, para muitos adolescentes, e assim, na escola enquanto aprendem sobre suas potencialidades e desejos, estimulam o próprio senso crítico.

Como foi dito, a educação que Freire defende, não se mantém neutra, ou não se faz neutra por educadores que acreditam em liberdade, de certa maneira, seja disciplinas livres ou curricular, acreditar que o uso de música, filme, dança, entre muitas formas de artes, pela cultura em sala de aula, pode e deve fazer parte do contexto escolar, diz muito à respeito dessa educação.

Pois, o ensino nas escola pelas disciplinas curriculares são padronizados, assim exige uma maior concentração por cada aluno, no entanto, levando em consideração que muitos adolescentes têm dificuldade em disciplinas tais, como língua portuguesa, matemática.. assim, possam se encontrar nas disciplinas livres (Optativas) como ensino de artes, que envolve dança, músicas pop, letras.

Dessa forma, escolas e educadores que se movimentam na criação e implementação dessas disciplinas que tendem a pensar para além do contexto em que os alunos estão, podem ser mais compreensivos e adeptos do ensino que liberta.

Onde não procuram perpetuar a exclusão de pessoas que não se destaca pela suas inteligências avançadas, status econômicos entre outros. viver como uma forma política, um fazer tanto político ainda como o corpo de alunos que são expostos a violências em sociedade, e que com o termo sociedade: adentra a dimensão casa, lar, família. Precisamos pensar uma forma de rede de apoio por meio da escola, educadores e cuidadores para estes corpos diferentes.

Quando bell hooks diz: “O pressuposto inicial tem de ser o de que todos na classe são capazes de agir com responsabilidade. Esse tem de ser o ponto de partida - de que somos capazes de agir juntos com responsabilidade para criar um ambiente de aprendizado.” (HOOKS, 2017 p. 203.)

Dessa forma, a classe como apoio de um pólo a outro, tanto de educadores para alunos em forma de escuta, dar vez e voz aos estudantes, e pelo lado dos alunos, como hooks diz que em suas classes buscou o conhecimento dos alunos, escutar suas vozes e conhecê-los, para que o ensino não fosse rigoroso tradicionalmente falando.

A partir do momento em que o ambiente escolar se torna ponte de apoio aos discentes sem discriminação, sem exclusão de suas individualidades, logo se pode pensar nessa criação de comunidade em rede, tanto para os educandos quanto para os educadores. Hooks afirma: “[...] ensinar é um ato de vulnerabilidade, onde educadores e educandos aprendem juntos. É necessário construir uma comunidade em sala de aula onde as experiências de vida sejam valorizadas e onde todos se sintam incluídos e respeitados” (hooks, 1994, p. 27).

Pois, pensando junto a comunidade é de grande importância a implementação de psicóloga para acompanhar os educandos, tanto desenvolvimento dos alunos, quanto para sua saúde mental um suporte psicológico, visto a dimensão imensa desse trabalho para uma relação saudável.

Pois, quando falamos de Lady Gaga, conversamos indiretamente a respeito dessa confirmação de respeito com os educandos e educadores, pessoas LGBTQIA +, que estão em processo de formação, estão trabalhando com suas partes de seus eus, incompletos que acreditam existir, formando, assim suas personalidades.

Anteriormente, dissemos da importância do viver político, ao estarmos vivenciando na *pólis* em sociedade por meio do diálogo a relação de cuidado que se forma em comunhão com os demais, por meio da palavra e essa precisa ser falada e entendida por todos da comunidade. “A confiança implica num testemunho que um sujeito dá a outros de suas reais e concretas intenções”. (FREIRE, p. 47).

No entanto, o espaço que os adolescentes não encontraram em casa, pode ser criado muitas vezes na escola, um ambiente que pode proporcionar aprendizagem e a criação de afetos, entre inteligência, conforto e apoio emocional, do coletivo escolar para os alunos, e assim, forma-se a criação subjetiva.

Liberdade e responsabilidade: chegada da fase da vida adulta, para muitos. Pois, quando pensamos em adolescentes entre 13 e 17 anos de idade, cursando o

ensino médio, com previsibilidade para mudarem de fase, pois logo irão entrar na vida adulta, e com isso, vem as responsabilidades de pessoas adultas.

Ademais, foi colocado que defendemos a criação do espaço emancipador para os educandos, também é preciso que se coloque a relação próxima dos mesmo, com a vida adulta. Assim, educadores que visam e trabalham para a liberdade dos educandos, quando freire fala que, o ato de olhar pode ser transformado para o ato de perguntar.

Considerações Finais

Ao iniciar esta pesquisa, buscou-se compreender, a partir da teoria freiriana, de que forma a educação pode atuar como instrumento de liberdade e transformação social. Partiu-se do princípio de que uma educação verdadeiramente libertadora é aquela que reconhece a responsabilidade ética e política dos educadores e promove a participação ativa dos educandos no processo de construção do conhecimento. Inspirada na pedagogia crítica de Paulo Freire, esta investigação identificou a relevância de se compreender o contexto histórico, social e cultural dos estudantes, como condição essencial para uma prática educativa voltada à emancipação humana.

Foi possível perceber, então, que a proposta freiriana de educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas propõe uma profunda leitura crítica da realidade, com o objetivo de democratizar o saber e promover a conscientização dos sujeitos sobre o meio em que estão inseridos. A educação, nesse sentido, deixa de ser um instrumento de reprodução da opressão para se tornar um meio de transformação da sociedade, combatendo práticas excludentes e marginalizadoras.

O objetivo específico desta pesquisa — investigar a humanização dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem a partir da perspectiva freiriana — permitiu constatar que, para Freire, a humanização só é possível quando a educação rompe com os mecanismos que perpetuam a opressão, como a exclusão, a negação da identidade, a imposição de uma cultura dominante e a mercantilização da educação e da saúde.

A escola, enquanto espaço de formação humana, deve se comprometer com a criação de possibilidades reais de vida para aqueles que historicamente foram colocados à margem — como pessoas em situação de vulnerabilidade social, estudantes LGBTQIA+, entre outros grupos minoritários.

Neste contexto, refletiu-se sobre a relação opressor–oprimido no ambiente escolar e comunitário, e identificou-se que a superação dessa lógica dualista se dá por meio do diálogo autêntico — elemento central da práxis freiriana. A práxis, entendida como a união entre ação e reflexão, revela-se uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa, pois fortalece a consciência crítica dos educandos e os impulsiona a agir sobre a realidade para transformá-la.

Dessa forma, a aplicação prática da pedagogia freiriana tem o potencial de modificar positivamente as relações sociais e educacionais, contribuindo significativamente para o desenvolvimento intelectual e humano dos alunos. Quando os princípios da educação freiriana são efetivamente incorporados ao cotidiano das escolas e comunidades, o diálogo emerge como fenômeno transformador, permitindo a superação de estruturas opressoras e a conquista da emancipação social.

Pensamos esta transformação a partir de três aspectos, fundamentais na formação dos jovens: sexualidade, trabalho e saúde. Através da reflexão sobre Lady Gaga, sobre o mundo do trabalho e sobre a mercantilização de educação e saúde, buscamos defender uma mudança no modo de atuação de uma educação libertadora no Ensino Médio.

Foram analisadas, ao longo da pesquisa, as obras “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia”, entre outros textos de base educacional e filosófica que dialogam com o pensamento freiriano. Embora não se tenha esgotado a complexidade e a profundidade das obras de Paulo Freire, buscou-se compreendê-las de forma crítica e sensível, com o objetivo de aproximar a teoria de sua aplicabilidade prática.

Conclui-se, portanto, que uma educação humanizadora e dialógica, comprometida com a ética e a justiça social, é essencial para a formação de sujeitos autônomos, críticos e transformadores da realidade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rosana Soares Campos. *Em uma sociedade neoliberal, a educação está a serviço do mercado*. Santa Maria: Revista Arco, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler : em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 104 p.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 270 p.

SILVA, João P. Em uma sociedade neoliberal, a educação está a serviço do mercado. *Revista Brasileira de Educação Crítica*, v. 5, n. 2, p. 45-60, 2023.

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

 Documento assinado digitalmente
CAMILA DO ESPIRITO SANTO PRADO DE OLIVEIRA
Data: 09/03/2026 15:15:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Data e local da assinatura eletrônica